

XIII Congresso da CGTP-IN

Fiequimetal

Caros convidados nacionais e internacionais

Camaradas delegados

A FIEQUIMETAL chega a este XIII Congresso da CGTP-IN no rescaldo do seu III Congresso, no qual, para além de prestar contas da actividade desenvolvida nos últimos 4 anos, foram definidas as linhas fundamentais do programa de acção para este mandato. Foi um Congresso que serve de estímulo para a luta que todos juntos e organizados nesta gloriosa CGTP-Intersindical nacional teremos de continuar a desenvolver. Luta desenvolvida por melhores salários; emprego com direitos; condições de trabalho dignas; pelo aumento da produção nacional, que contribuiu para o desgaste da base social de apoio do Governo PSD/CDS e abriu caminho a uma nova composição da assembleia da república, que nos permite encarar o presente e o futuro com mais esperança e confiança

Nos últimos quatro anos convivemos com um quadro político económico e social marcado por uma política de direita que deixou para a história um País mais pobre, **ainda** mais desigual e menos soberano. Política violenta, que atacou direitos, salários e pensões, aumentando a exploração. Política de ingerência que acelerou o programa de privatizações de empresas estratégicas para o país, muitas delas dos sectores da FIEQUIMETAL, como a EDP, a REN, o sector de resíduos sólidos e urbanos, entre outros. Os últimos anos tiveram assim a marca da austeridade, numa cegueira da redução da dívida e do défice a qualquer custo, com o propósito de desmantelar as funções sociais do estado, destruir a escola pública, fazer da saúde um negócio de milhões e colocar a justiça ao serviço dos grandes grupos económicos. Mas, por muito que nos queiram iludir, a realidade está à vista de todos. A par do aumento brutal da dívida e dos seus juros, em 2013 foram destruídos mais de 135 mil empregos nos sectores da Fiequimetal. Essa política de direita levou também à redução do peso dos salários no PIB, de 48 para 44%, entre 2009 e 2014, e a descida do salário médio em Portugal para 51% da média da Zona Euro. Só 4,3% dos portugueses tem um salário igual ou superior a 1500€ enquanto 1/3 recebe um salário líquido de 600 euros, o que os coloca na pobreza.

Por outro lado, no crescimento das grandes fortunas verifica-se que, escandalosamente, os 10% mais ricos em Portugal concentram hoje 58,3% da riqueza, enquanto 2,7 milhões de portugueses, onde se incluem, evidentemente, trabalhadores do nosso sector, vivem em situação de pobreza.

Percorremos estes quatro anos unidos e orgulhosos de termos cumprido as orientações da CGTP-IN, para as quais sempre demos o nosso contributo, e em que cerramos fileiras, resistindo na defesa dos nossos contratos colectivos, **isto é**, dos direitos que deles emanam, contra os cortes salariais no SEE, na defesa do emprego, contra as privatizações no sector, contra a exploração e a degradação das condições de trabalho e para impedir a destruição do nosso aparelho produtivo.

É por essa razão que vale sempre a pena a luta organizada dos trabalhadores e nesse sentido pedimos a todos os delegados para saudar a determinação e coragem dos trabalhadores da Galp/Petrogal na greve que estão a realizar desde o fim do ano passado na defesa da contratação colectiva, **ou seja** dos direitos arduamente conquistados ao longo de anos por gerações de trabalhadores. Luta que não vai parar enquanto se mantiver a postura trauliteira da Administração de Américo Amorim, cujo comportamento mais se assemelha ao de uma empresa de vão de escada. Foi e continuará a ser a luta reivindicativa que demonstra que os nossos sindicatos não se limitam a fazer denúncias. É necessário dar esperança aos trabalhadores de que, em unidade, é possível um país e um mundo melhor, livre de exploração, que nos devolva o bem-estar e a prosperidade económica e social.

É a luta que permite defender a nossa contratação colectiva e é nela que estaremos para continuar a exigir a aplicação dos direitos. Sim camaradas, porque a contratação colectiva é feita dos direitos conquistados ao longo de muitos anos, nomeadamente em condições de repressão, de fascismo, envolvendo prisões, tortura e até a morte, pelo que a única forma de a defender é não capitular, **é exortar todos os trabalhadores ao seu exercício e honrar este património de luta.**

Foi a constante acção dos nossos Sindicatos que permitiu obter resultados: no aumento dos salários; na passagem de centenas de trabalhadores com vínculo precário a permanentes; que combateu as discriminações entre mulheres e homens, que **derrotou** despedimentos colectivos.

Grandes lutas de massas convocadas pela nossa CGTP-IN durante estes quatro anos para as quais os trabalhadores organizados nos Sindicatos da Fiequimetal deram um contributo insubstituível, designadamente as determinantes greves gerais e as memoráveis manifestações de 11 de Fevereiro de 2011 e 22 de Setembro de 2012 que transformaram o Terreiro do Paço num verdadeiro Terreiro do Povo!

No entanto, sendo certo afirmar que um caminho de esperança foi aberto, convém que não nos esqueçamos nunca, que ninguém o percorrerá por nós. Que nada do que nos foi roubado, será revertido sem a nossa acção. Será da nossa capacidade de organização, independentemente da esperança que se pense ou não existir, que se construirá o nosso

futuro. Os trabalhadores esperam de nós a capacidade de os organizar, depositam a sua confiança e esperança nos nossos Sindicatos e na CGTP-IN!

O programa de acção com o qual concordamos e que votaremos favoravelmente é de uma grande exigência para toda a estrutura. Ele assume o reforço da organização nos locais de trabalho, o aumento da sindicalização e o consequente alargamento da nossa influência social. Aponta também a luta reivindicativa como eixo central da actividade sindical. Nesse sentido impõe-se estimular a luta económica, por uma justa distribuição da riqueza. É o que estamos a fazer nos nossos sectores, desmascarando a vergonhosa acumulação de capital por parte das grandes empresas nacionais e multinacionais, que só no nosso sector e no ultimo ano ultrapassaram os 1700 milhões de euros de resultados líquidos.

Deve ser exigido o aumento justo dos salários e a redução progressiva do horário de trabalho para 35 horas para criar mais emprego e estimular o mercado interno, o investimento na produção nacional, que assente numa verdadeira estratégia de reindustrialização e desenvolvimento do País. Reivindicamos uma política energética sustentável que aproveite os nossos recursos naturais, diminua a nossa dependência externa e contribua para o desenvolvimento económico. **Lutamos pelo** aproveitamento, ao serviço do País, dos recursos minerais de que dispomos e que se estimam num valor equivalente ao PIB nacional.

Pese embora o contexto social e económico dos últimos anos, realçamos como muito positivos o esforço e a dedicação de toda a nossa estrutura que permitiu, entre 2011 e 2015, sindicalizar mais 17700 trabalhadores; eleger 950 delegados sindicais e 800 representantes dos trabalhadores para a SST. Devemos continuar a investir na formação dos quadros, de modo a melhorar a sua capacidade de agir sobre os problemas. Temos que dotar os nossos Sindicatos dos meios necessários para alargar a nossa acção a empresas onde não dispomos de estrutura ou temos taxas de sindicalização reduzidas. É importante prosseguir com a reorganização administrativa e financeira, rentabilizando melhor os espaços físicos de que dispomos, bem como os meios humanos, libertando recursos financeiros para a actividade sindical, razão única da nossa existência.

Os tempos que temos pela frente são de uma grande exigência mas, ao mesmo tempo, de confiança e esperança, exigem acção, esclarecimento, determinação e ponderação.

A situação política económica e social que vivemos é, por si só, demonstrativa de que o antagonismo de classe entre trabalho e capital vai agudizar-se. O capital nunca estará saciado, e irá tão longe quanto a correlação de forças lho permitir. A nossa CGTP intersindical nacional e os seus Sindicatos, herdeiros de um vasto e grandioso passado de luta, não podem baixar os braços perante esta realidade, antes pelo contrário, devemos ser precursores desses princípios. Podem contar com a determinação dos trabalhadores, organizados nos nossos Sindicatos,

porque aqui deixamos a garantia de que tudo faremos para dar o nosso contributo para que esta CGTP-IN, a maior organização social do País, mantenha os seus princípios de classe, unitária, independente, solidária e de massas. Uma Central Sindical em que a sua única **e exclusiva tendência** é, e será sempre, estar ao serviço dos trabalhadores, contra o capital, na luta por uma sociedade mais justa e fraterna que coloque termo à exploração do homem pelo homem.

Antes de terminar quero aqui deixar como oferta para a CGTP uma placa alusiva ao III congresso da Fiequimetal.

Vivam os trabalhadores de todo o mundo!

Viva a CGTP - Intersindical Nacional!

A luta continua!